

31-08-2020

ESTAMPAS EUCALOL

Chiwan Medeiros Leite

[Bacharel em Comunicação Social]

Há um certo paradoxo na era da comunicação.

O domínio das *news*, *fake* ou não, a maioria parece que sim, as trocas ininterruptas e meteóricas do zap, as insolências e *likes* do tuíte, as ostentações narcísicas do face e outras modalidades comunicacionais rastejam em matéria de conteúdo. Em outras palavras, a rigor, comunicam mas não informam. Não agregam valor sobre o conhecimento acumulado da história humana.

Quando eu era menino me diziam que a rádio relógio era cultura inútil, mas lá aprendi muita coisa. O anúncio da hora exata era entremeadado da pergunta: *Você sabia?*

Tudo bem que lá aprendi que as tartarugas não menstruam e sobre a quantidade média de pelos do corpo humano, mas também aprendi quem foi Benito Mussolini. E entre umas horas e outras, cujo fundo musical era um tic-tac ininterrupto, entendi coisas do fascismo e do nazismo que, atualmente, no Brasil, arpejam meus cinco milhões de pelos à lembrança...

Mas as informações vinham de diversas maneiras, além das antigas enciclopédias. Podia faltar carne em casa de pobre, mas lá estavam elas: Britânica, Tesouro da Juventude, Barsa, Larousse. Muitas vezes em cima das geladeiras vazias. Os vendedores dessas coisas passadas tocavam a campainha ou batiam palmas à porta das casas com suas malas enormes cheias de livros.

Foi assim que me tornei sócio do Círculo do Livro, na Recife do tempo em que (ainda) era a Veneza Brasileira. Um pouco mais adiante, mas sempre antes do computador vieram as coleções que eram compradas aos fascículos nas bancas de jornais.

Eram coleções espetaculares. Quase virei médico com *Medicina e Saúde*, depois resolvi virar cientista com *Ciência Ilustrada*, quase me tornei mecânico faz-tudo com *Como Funciona*, e acabei por aqui após ler e devorar *Conhecer*. O caraminguá da mesada e depois dos primeiros trabalhos era dividido em cigarro, cinema e as coleções. As figurinhas de pacote, os almanaques e as revistas para jovens, como *Diversões Juvenis*, eram informação pura. Mas a informação chegava de outras formas - palito de sorvete, maço de cigarro, cartão postal, papel de embrulho, pacote de meias, sei lá -.

Até que um dia, lá pelos anos '60, ao me preparar para o banho vi que não tinha sabonete. Até pensei em tomar banho com sabão português naqueles tempos de escassez. E não seria a primeira vez.

Mas eu tinha combinado de ir ao cinema com Dulcinea, acho que minha primeira ou terceira namoradina, e resolvi fuçar as gavetas à cata de um sabonete.

Descobri o primeiro tesouro da minha vida, os demais talvez eu conte algum dia. No fundo de uma gaveta do armário de meu pai, estava lá uma pilha de sabonetes Eucalol. A primeira coisa que pensei foi que meu pai tinha endoidado - escondendo sabonete? -.

Só alguns dias depois que eu já tinha percorrido todos os lugares de Recife que vendiam sabonete é que eu descobri. Há anos já não se fabricava o Eucalol.

Entendi a lucidez da loucura de meu pai. Roubei um sabonete da pilha e vi que já não tinha cheiro, mas lá estava ela intacta e exuberante: a *Estampa Eucalol*.



Imaginem meu pânico. Guardados a sete chaves, se meu pai descobrisse que estava faltando um? Tive um plano. Esperei alguns dias para ver se o velho dava falta e, então, pus mãos à obra. Peguei a embalagem do sabonete que eu, desavisado, tinha usado, mesmo sem cheiro. Meti nele um Palmolive, cortei um pedacinho de papelão do tamanho exato da estampa surrupiada e reembalei a preciosidade como se eu fosse um artesão do crime. Para isso me vali dos ensinamentos de *Conhecer* e *Como Funciona*. O tempo passou e, a cada dia, eu esperava a sentença de meu pai: *Você é um ladrão!!* Nunca fui acusado e relaxei. A cada mês, sempre que eu ia ao cinema (Edna, Terezinha, Jocélia, Valdirene etc...), comprava um Palmolive, substituíva pelo meu sem-cheiro predileto, cortava o papelão, reembalava com maestria e embolsava a estampa. Quando meu pai morreu, no silêncio do velório balbuciei o pedido de perdão. Hoje faço parte da ACCEC [Associação Clandestina de Colecionadores das Estampas Eucalol] e nesse exato momento estou ouvindo minha melodia predileta... ([Ouça](#))



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.